

221  
1123215

À INAUGURAÇÃO  
 DA  
 ESTATUA EQUESTRE  
 DO FIDELÍSSIMO MONARCA  
**DOM JOSÉ I.**  
 O MAGNÂNIMO  
 NOSSO SENHOR  
 NO DIA 6 DE JUNHO DE 1775  
 DOS SEUS FELICÍSSIMOS ANNOS,  
 NA PRAÇA DO COMMERCIO  
 DA CIDADE DE LISBOA.

O D E.



QUE Varão, ou que Heroe na eburnea Lyra  
 Decantarei oufado,  
 Em metro, e melodia,  
 Quaes atégora o Mundo nunca ouvira?  
 Cujó nome espalhado  
 Por onde raia o dia,  
 Mova a adorallo o habitante ignoto,  
 De évo em évo a pezar da fera Cloto?  
 \* Quem,

Quem, senão Vós, Magnanimo Monarca,  
He de tal gloria digno.  
Santa Verdade, desce  
Do Reino Eterno, onde não entra a Parca;  
Com teu fogo Divino  
Meu frio engenho aquece;  
Não teu favor imploro lisonjeiro,  
Que eu canto ao Mundo o Grão JOSÉ PRIMEIRO.

Donde começarei Vossos louvores!  
Pois mil, e mil Virtudes  
De igual belleza ornadas,  
Brilham em Vós quaes Astros bemfeitores!  
Eis, entre os choques rudes  
Da Parca, e Sorte iradas,  
Tão inconcussa, qual na doce calma,  
Se offrece a mim Vossa Grandeza d'Alma.

De outra parte huma Angelica Donzella  
Me attrahe a vista, e o canto:  
A Justiça he, contente  
De achar em Vós morada digna d'ella:  
Á sombra do seu manto,  
Do rico prepotente  
Não temem a Calumnia, a Força infanda,  
O Pupillo, e a Viuva miseranda.

Não mais bradeis por minha voz, e lyra  
Clemencia, e Amor Paterno,  
Já nova Poesia,  
A Verdade, e outros sons por Vós me inspira:  
Vós,

Vós, manancial eterno,  
 De mil bens, que á porfia  
 Sobre os ditosos Lusos se derramam,  
 Que a JOSÉ só por PAI DA PATRIA acclamam.

Sim, benefico Amor, a Vós devemos  
 A nossa immensa dita,  
 Que outra na antiga Historia  
 De Povo algum feliz igual não lemos:  
 Digna de ser escrita  
 No Templo da Memoria;  
 O Grão CARVALHO, cujo nome Augusto  
 Mecenas, e Sully ouvem com susto.

CARVALHO, em quem se esteia o Luso Imperio;  
 Que a sã Agricultura,  
 E o proficuo Negocio,  
 Que jaziam no pó do Vituperio,  
 Aníma, ergue, honra, e apura;  
 E odiando o bruto Ocio,  
 As mentes juvenis pródigo applica,  
 A colher de Artes uteis messe rica.

Elyfia venturosa, grata inclina  
 A fronte torreada  
 A este Heroe famoso:  
 Entre montões de cinza, e de ruina  
 Ao seu braço encostada,  
 Do jazigo horroroso  
 Princeza do Universo resurgiste,  
 Vendo-te ufana, qual já mais te viste.



Mas 'onde vás, ardente Fantazia?  
 Vejo o Mondego irado  
 Mostrar-me o monstro horrendo,  
 Em cujos ferros Portugal jazia:  
 Contra elle denodado  
 CARVALHO arremettendo,  
 Lhe prostra em fim ás fúrias orgulhosas,  
 E nos quebra ás cadêas vergonhosas.

Eis Pallas cobra os Paços venerandos,  
 Que a Ignorancia usurpára:  
 Jaz a Fera abatida  
 Sobre montões de partos nefandos,  
 Da Deosa junto a Ara:  
 Em vão raivosa lida,  
 Por soltar os grilhões dos roixos pulsos,  
 Treme, mordendo os labios seus convulsos.

Mas sahe a Filha sua á luz do dia,  
 Com cem vipereos vultos?  
 Fazem-lhe horrida corte  
 A fecunda bífrente Hypocrisia  
 Em traidores insultos,  
 A vil Discórdia, a Morte,  
 E o torvo Fanatismo ensanguentado,  
 De ferro, fogo, e de veneno armado.

Ceos! Que horrores, e estragos lastimosos,  
 Que as carnes me estremecem,  
 De mil Nações semeiam  
 Pelo Univerſo os Monſtros ſanguinosos!

Cho-

( 5 )

Choros, gritos, recrefcem...  
 Mortos em fangue ondeiam...  
 Brotam em torno armigeras fearas...  
 Jazem no pó Coroas, e Tiaras.

Eia Mortaes, ceflou voffa ruina!  
 Contra as Feras trementes,  
 O Alumno de Minerva  
 Da dextra o raio vingador fulmina.  
 As cabeças ardentes  
 Cahem da infernal Caterva.  
 Vem com palmo os Heroes cheio de gloria  
 CARVALHÓ entrar no Templo da Memoria.

Ah Lufitania! injusta, e ingrata o Mundo  
 Te nomeia indignado,  
 Aos grandes beneficios,  
 Que debes ao Monarca fem segundo,  
 E ao feú Ministro honrado:  
 Se as manchas de taes vicios  
 Pertendes apagar, o exemplo toma,  
 Que te apontam Athena, Gallia, e Roma.

Mas vejo hum Filho teu, tinto o semblante.  
 De ira, e de honroso pejo,  
 Que a Patria defafronta:  
 Segue-lhe o exemplo o Lufo Povo ovante  
 Junto em fim do almo Téjo,  
 Té aos Ceos se remonta  
 Por mãos da Gratidão a Gran Memoria,  
 No dia faufto na vindoura Historia.

SO-

## SONETO.

**O** Soberbo Padrão esclarecido,  
Que a Vós, sublime REY, gratos erguemos,  
He sombra escassa do que n'alma temos,  
Aos Vossos Beneficios erigido:

Não de marmore, ou bronze construido,  
Mas das Reaes Virtudes, que em Vós vemos,  
Coração justo, e amante sem extremos,  
Por odio, ou por affecto não torcido.

Cresce assim mais, e mais Vossa Memoria,  
Semeada por nós no Mundo inteiro,  
Servindo-vos de honrosa, e eterna Historia.

E ainda no futuro derradeiro  
Lembrará com inveja, e nossa gloria  
O Pai da Patria o Grão JOSÉ PRIMEIRO.



Á COLLOCAÇÃO  
 DO EGREGIO BUSTO  
 DO ILLUSTRÍSSIMO, E EXCELLENTÍSSIMO SENHOR  
**SEBASTIÃO JOSÉ**  
 DE CARVALHO E MELLO,  
 MARQUEZ DE POMBAL,  
 MINISTRO DE ESTADO  
 DE SUA Magestade Fidelíssima.  
 &c. &c. &c.

SONETO.

**O**H Peregrino, que olhas respeitoso  
 O Heroico Busto em bronze relevado;  
 Se saber queres, do que está gravado  
 Nos nossos corações, o Nome honroso,  
 Pergunta ao Luso Povo venturoso,  
 Quem o antigo quebrou grilhão pezado,  
 Em que o teve a Ignorancia afferrollhado,  
 Por mãos do Fanatismo sanguinoso.  
 Quem d'entre as cinzas fez surgir Princeza  
 Do Mundo Elysia, e de esplendor a veste:  
 E ò Commercio anima, e as Artes préza:  
 Quem extirpar da Hypocrisia a peste...  
 Ah sublime CARVALHO, nesta empreza  
 Os passados Heroes, e a Ti venceste!

O.

*O Bacharel Domingos Maximiano Torres.*

